

O centauro e a pena: notas preliminares sobre a invenção do tradicionalismo a partir da trajetória de Luiz Carlos Barbosa Lessa (1945-1954)¹

Jocelito Zalla

Licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS

Resumo: o presente trabalho possui dois objetivos: primeiro, apresentar o projeto de pesquisa em desenvolvimento intitulado “O centauro e a pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção do tradicionalismo” e, segundo, apontar alguns resultados preliminares para o período de formação do tradicionalismo – 1945-1954. Trata-se de uma análise conjugada da trajetória e da produção intelectual do escritor regionalista, fundador e principal teórico do movimento tradicionalista. Para tradicionalistas como Lessa, no período, “resgatar” uma cultura perdida era o corolário de dois fenômenos de ordem diferente mas estreitamente ligados: primeiro, o advento da “modernidade”; segundo, o sentimento de estranhamento frente à realidade da capital rio-grandense.

Palavras-chave: tradicionalismo, identidade regional, Luiz Carlos Barbosa Lessa.

No dia 08 de setembro de 1947, um grupo de oito jovens estudantes do Colégio Júlio de Castilhos de Porto Alegre, vestidos com roupas oriundas do meio rural e utensílios da lida campestre, tomou uma centelha da pira onde ardia o fogo simbólico da independência do Brasil e cultivou-a até o dia 20 de setembro daquele ano, data lembrada como o início da revolta do Rio Grande do Sul contra o Império no ano de 1835. A ela denominou “chama crioula” e, durante os 12 dias que precederam ao dia 20, esses jovens organizaram uma série de festejos e atividades culturais (música, poesia, dança e culinária) de inspiração regional que chamaram também de “Ronda Crioula”, resgatando ainda o antigo estandarte farroupilha.² O grupo permaneceu organizado e, em seguida, somou-se a ele um jovem advindo da cidade de

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

² FAGUNDES, Antonio Augusto. *Curso de Tradicionalismo Gaúcho*. 2ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1995, p. 41.

Piratini e, como os demais, estudante do “Julinho”, Luiz Carlos Barbosa Lessa. Conhecidos mais tarde como o “Grupo dos Oito Pioneiros”³ ou como “tradicionalistas históricos”, eles constituíram na escola um DTG – *Departamento de Tradições Gaúchas* –, que se tornaria o molde para a fundação, em 1948, do primeiro *Centro de Tradições Gaúchas*, o “35 CTG”, onde empreenderam uma série de pesquisas e elaboraram uma ritualística a ser encenada e experimentada em suas dependências, estabelecendo as diretrizes do que seria mais tarde o *Movimento Tradicionalista Gaúcho* (MTG), instituição congregadora dos diversos CTGs e responsável hoje pela difusão e regulamentação do tradicionalismo no Rio Grande do Sul e no mundo.⁴

Filho de agricultores da região sul do Estado, Barbosa Lessa⁵ não teve acesso à escola primária regular e, em função disso, foi iniciado nas letras pela própria mãe, que também o introduziu na teoria musical, piano e datilografia. Coursou o antigo “ginásio” na cidade de Pelotas, onde escrevia, no jornal do Ginásio Gonzaga, contos de cunho regionalista e onde fundou o conjunto musical “Os Minuanos”. Em 1945, partiu para a capital do Estado para completar seus estudos secundários, onde conheceu João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes. No 35 CTG se interessou pela música regional e compôs parte de seu repertório, com letras hoje consagradas como “O Negrinho do Pastoreio”. O presente trabalho é um recorte do projeto de pesquisa mais amplo intitulado “O Centauro e a Pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção do tradicionalismo”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS como uma biografia histórica deste escritor. Nesta apresentação abordarei seus primeiros anos de atividade intelectual e de engajamento no movimento tradicionalista (1945-1954): é nesse momento que se fixam as bases do que se tornaria o *Movimento Tradicionalista Gaúcho* (fundado oficialmente em 1966), de um novo tipo de gauchismo e, também, da própria trajetória de Barbosa Lessa enquanto intelectual regionalista. Defini, então, como marco temporal inicial a vinda de Barbosa Lessa para Porto Alegre no ano de

³ São na verdade dez pioneiros, a contar o ingresso de Lessa e Glaucus Saraiva: João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes, Antônio João de Sá Siqueira, Cilço Araújo Campos, Ciro Dias da Costa, Cyro Dutra Ferreira, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira, Orlando Jorge Degrazia, Glaucus Saraiva e Luiz Carlos Barbosa Lessa.

⁴ Atualmente, existem CTGs em todo o Brasil, com MTGs em Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, além de uma Confederação Paulista de Tradições, e de centros em outros países, como EUA e Japão.

⁵ Os elementos biográficos foram retirados da página oficial do autor na internet, abrigada no site www.paginadogaicho.com.br; da tese de Letícia Borges Nedel, NEDEL, Letícia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul*. Brasília, 2005. Tese (doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2005; do livro AUTORES gaúchos: Barbosa Lessa. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/CORAG, 2000, além de fontes documentais esparsas do Acervo Barbosa Lessa, da Secretaria Municipal de Camaquã.

1945 e como marco final o ano de 1954, pela defesa da tese *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo*, no I Congresso Tradicionalista Gaúcho, em Santa Maria. O presente trabalho divide-se, assim, em dois momentos: no primeiro apresento o projeto de pesquisa em desenvolvimento e no segundo trago alguns apontamentos à guisa de conclusões preliminares para o período de formação do tradicionalismo.

* * *

O referido projeto de pesquisa propõe a construção de uma *biografia histórica* de Barbosa Lessa, na qual buscar-se aliar a análise do indivíduo, do singular, às questões mais gerais de sua sociedade e época. Procuo examinar através da trajetória, do engajamento pessoal de Lessa e de sua produção intelectual, o processo de construção da figura do gaúcho, da identidade regional do Estado e da ritualística tradicionalista elaborada a partir desses elementos, bem como examinar o papel da ação intelectual de Lessa na elaboração do tradicionalismo, as possibilidades disponíveis para tanto e as estratégias utilizadas pelo autor. Como um dos atores empenhados nesse processo e cuja produção marcou tanto o movimento tradicionalista quanto o meio intelectual regionalista vindouro no Rio Grande do Sul⁶, a análise dessa produção se mostra um instrumento privilegiado para captar a dinâmica da fabricação da identidade gaúcha, e pode ajudar a compreender a relação entre o “ser gaúcho” e o “ser brasileiro”, ao evidenciar o diálogo entre *região* e *nação* no período. O título fantasia deste trabalho, “O centauro e a pena”, é uma metáfora que representa a preocupação e os objetivos aqui empreendidos: compreender a relação entre o trabalho intelectual e a construção de um tipo social específico, o gaúcho.⁷ Podemos considerar Barbosa Lessa também como uma síntese dessa relação: ele era “o gaúcho”, vindo do interior, apegado aos valores campeiros, mas também “o literato”, intelectual reconhecido, advogado e jornalista, um exemplo de profissional liberal urbano.

Um dos perigos que a biografia histórica pode correr é o de negligenciar o individual em favor dos sistemas normativos de uma sociedade e época, tomando o estudo de um percurso individual apenas como exemplo ou ilustração do contexto histórico. Acredito que o

⁶ O reconhecimento da contribuição de Lessa à literatura regionalista estaria impresso na sua escolha pela Câmara Rio-Grandense do Livro para patrono da 46ª Feira do Livro de Porto Alegre no ano de 2000.

⁷ O “centauro” é uma figura adotada pelo próprio gauchismo; meio homem, meio cavalo, simboliza a simbiose do peão e do animal na Pampa Gaúcha, expressando um arquétipo utilizado pela literatura especializada desde o século XIX: o “gaúcho a cavalo”.

objetivo do fazer biográfico seja o de evidenciar o “outro lado” dos constrangimentos sociais, ou seja, as possibilidades de ação criativa e as margens de liberdade das quais o indivíduo dispõe no interior de uma cultura e meio social, apreendendo com acuro o único, o singular. Assim, a biografia comporta alguns dos principais debates historiográficos contemporâneos, como a relação entre normas e práticas, entre indivíduo e grupo ou sociedade, entre determinismo e liberdade e entre racionalidade absoluta e racionalidade limitada⁸, mostrando-se um espaço privilegiado para a experimentação histórica. Como aponta Giovanni Levi, a liberdade de escolha nunca é absoluta, é cultural e socialmente determinada, mas é ainda “uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores”.⁹

Outro risco que se evita aqui é tomar uma vida como dotada de linearidade, coerência e estabilidade. Para Pierre Bourdieu, a biografia e a autobiografia se estabeleceram a partir de uma filosofia da história e de uma “teoria do relato”, que consideram a vida como um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, ou seja, de um “projeto”, e organizada de uma forma cronológica que também é uma ordem lógica. O relato de vida se baseia no que o autor denomina “postulado do sentido da existência narrada”, preocupando-se em “dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância”.¹⁰ O autor mostra ainda a função que o *nome próprio* possui de estabelecer uma unidade na personalidade, instituindo uma identidade social constante e durável. Como antídoto ao relato de vida tradicional, que nega a multiplicidade do sujeito e a pluralidade dos mundos da identidade socialmente determinada pelo nome próprio, Bourdieu formula a noção de “trajetória”, que adoto nesta pesquisa, como “uma série de posições sucessivamente ocupada por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele mesmo um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.¹¹ No entanto, afasto-me de outra possível resposta dada pelo autor: a que propõe a homologação das condutas individuais e o reforço dos laços normativos, da força do *habitus*, como aponta Sabina Loriga, e aproximo-me desta autora, de acordo com o explanado anteriormente, na asserção da

⁸ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 179.

⁹ Ibidem.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, pp. 183-184.

¹¹ Ibidem, p. 189.

necessidade de “utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas”.¹²

A perspectiva teórica que ilumina o exame da produção e da trajetória de Lessa é a formulada por Eric Hobsbawm, o qual, juntamente com Terence Ranger e outros autores, fundou uma vertente de estudos sobre o fenômeno contemporâneo que identificou como “invenção das tradições”. O autor entende por “tradição inventada” um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica uma continuidade em relação ao passado.¹³ Hobsbawm difere “tradição” de “costume”: o objetivo e a característica das tradições, inclusive das inventadas, é a invariabilidade, pois o passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição: “sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história.”¹⁴

* * *

Passemos, então, para alguns apontamentos possíveis a partir das fontes do período de 1945 a 1954. O que encontramos na Porto Alegre da segunda metade da década de quarenta é um novo processo de construção da identidade regional, baseado ainda nos elementos da tradição literária identitária precedente, mas através de uma rearticulação original que possibilitou a invenção de práticas e de rituais encenados no espaço simbólico do CTG. Quais eram esses elementos? E mais, por quê novos atores sociais se engajaram nesse processo e alcançaram ampla receptividade no período? Vejamos o depoimento dado por Barbosa Lessa a Luís Augusto Fischer cinquenta e cinco anos após sua chegada à capital:

A tal influência das outras culturas, influência de outras nações, é algo normal; ao longo da humanidade ocorre isso, mas naquele após-Guerra foi muito marcante a chegada, de uma hora para outra, da cultura norte-

¹² LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In.: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, pp. 246-247.

¹³ HOBSBAWM, E. Eric. Introdução: a invenção das tradições. In.: HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 09.

¹⁴ *Ibidem*, p. 10.

americana. Nós éramos chamados de Geração Coca-Cola, e sentimos com muita evidência que ou a gente se entregava, ou a gente tentava salvar o pelego. Em Porto Alegre, que é a capital e não está no interior mas no litoral, nós éramos malvistas, éramos uns *grossos* do interior. Me corrigiam a toda a hora, meus colegas do Colégio Estadual Júlio de Castilhos: ‘O que tá gostando mais aqui, ô...?’ ‘Sabe, o que eu estou gostando mais é ver as gurias passeando na Rua da Praia...’ ‘Não é passeando seu, é fazendo *footing*.’ Então me corrigiam porque era fazendo *footing*’.¹⁵

Podemos inferir, a partir do depoimento, que para aqueles atores sociais, dois fenômenos de ordem diferente mas estreitamente ligados sensibilizaram e motivaram o grupo a “resgatar” uma cultura assim duplamente perdida: primeiro, de natureza mais geral e social, as transformações pelas quais o mundo passava com o término da Segunda Guerra Mundial, como a expansão das trocas comerciais e culturais e o advento da “modernidade” nas regiões periféricas e, segundo, de ordem mais íntima e individual, o sentimento de estranhamento frente à realidade da capital rio-grandense, que se desdobrava tanto na dificuldade em adaptação quanto num sentido reforçado de pertença a uma outra realidade, a do interior do estado, vista assim como radicalmente oposta. De um lado, os novos valores e a adoção do *american way of life*, de outro, a oposição campo/cidade com uma valoração positiva (e distanciamento) da segunda em detrimento do primeiro. Mas, para esses atores, não era qualquer cidade, era a “cidade grande”, a capital, que se opunha com mais veemência ao “grosso” do interior e os assustava a ponto de se sentirem oprimidos.

Quando chegou a Porto Alegre, Lessa já tinha uma precoce experiência com jornalismo. Havia fundado e coordenado em 1942 um jornal em sua escola na cidade de Pelotas, o Ginásio Gonzaga, chamado “O Gonzagueano”, que se tornaria órgão oficial do grêmio estudantil, o “Ecos Gonzagueanos”. Ali publicava seus contos tendo como personagens heróis da história rio-grandense. Na capital, no mesmo ano de sua chegada surge a revista “Província de São Pedro”, voltada para coisas do Rio Grande do Sul e publicada pela Editora Globo. No ano seguinte, Lessa, com então 16 anos, publica uma reportagem histórica sobre o episódio da Guerra dos Farrapos conhecido como “A Retirada de São José do Norte”. Nosso personagem procurou Justino Martins, diretor da Revista do Globo e se ofereceu para o

¹⁵ LESSA, Luiz Carlos Barbosa. Depoimento. In.: Autores gaúchos: Barbosa Lessa. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/CORAG, 2000, p. 18.

trabalho de redator. Como estudava pela manhã, não pôde ocupar o cargo de tempo integral. No entanto, começou a colaborar com a revista como *free lancer*. Em 1947, foi contratado como revisor da “Revista do Globo”, onde passou a fazer revisões de notícias da “Time” e reportagens esporádicas. Dentre estas, algumas faziam referências ao gaúcho ou tratavam de temas do Estado, como “Tropeiros”, de 1947.

Publicada em maio daquele ano, ou seja, antes de Barbosa Lessa conhecer Paixão Côrtes e o Grupo dos Oito Pioneiros do Julinho, tal reportagem nos permite identificar qual era a figura de “gaúcho” que o jovem jornalista tinha em mente quando agregou-se ao grupo e como contribuiu para a construção da representação do gaúcho que iria pautar a organização e instituição do movimento tradicionalista. Em “Tropeiros”, o autor, que assinava como Luiz Carlos Lessa, nos apresenta a vida daquela que considera a última figura tradicional do Rio Grande do Sul, as lides no campo e o itinerário de viagens conduzindo o gado das estâncias até os frigoríficos de Pelotas e Rio Grande. Mas antes disso, Lessa apresenta uma história da transformação que sofrera o povo gaúcho no último século, uma história de degenerescência, onde um passado idealizado aparece como modelo cultural e social.¹⁶

Lessa apresenta um Rio Grande do Sul mítico, terra da fartura, onde todos viviam bem, com todas as suas necessidades atendidas pela prodigiosa natureza, mas também pela vivaz ação do homem nativo. Era esse homem um verdadeiro herói, ator das mais incríveis aventuras e proezas. Era uma terra sem fronteiras, sem divisões internas, habitadas por um povo também sem limites para viver, descendentes diretos dos povos nômades, e por isso “nobres”, índios minuanos e charrua. Mas essa história teve um fim. Esse fim chamou-se “progresso”. Lessa traça então a decadência do gaúcho. Os cercamentos das terras e as mudanças na lida campeira que estes ocasionaram cercearam o próprio espírito gaúcho. As figuras de ontem são extintas: “O progresso acelerou seu passo. Acordou as coxilhas com o apito da locomotiva, e matou o carreteiro. Mais um tipo tradicional perdia o Rio Grande com o passo lerdo de seus bois”.¹⁷ E os males que assolam o Rio Grande do Sul começam então. Junto com uma valorização do nomadismo na pampa gaúcha e a conseqüente valoração negativa do trabalho sedentário, há no texto de Lessa um tom de denúncia social: o progresso tirou o homem do campo ou mudou seu caráter. O autor lamenta a exploração sofrida pelo gaúcho, forçado a procurar emprego em outras paragens ou assentar chão e virar plantador.

¹⁶ LESSA, Luiz Carlos. Tropeiros. *Revista do Globo*. Porto Alegre, 10 de maio de 1947, p. 28.

¹⁷ *Ibidem*.

Tanto no campo como na cidade chega a pobreza; e com ela, sua filha mais ingrata, a degeneração moral. O gaúcho cede ao vício da bebida e perde com ele a antiga alegria de viver. Em caso extremo, sem emprego e o que comer, chega ao fundo do poço e vira ladrão. Morreu o centauro.

Mas há ainda nesse gaúcho o sangue de outrora. E no último deles, esse sangue corre com força, o tropeiro. Onde a força devastadora do progresso não chegara, destruindo tipos sociais, hábitos e costumes, vivia livre o último dos gaúchos, junto ao seu cavalo e com sua galhardia.¹⁸ Assim, há no sul do Estado um reduto para um filho do andarengo de outrora, e que, como ele, vivia a distância em liberdade, no lombo de seu cavalo. Lessa constrói uma imagem do gaúcho como homem do campo, mas não qualquer campo, a pampa gaúcha antes ou fora dos limites dos cercamentos, e não qualquer homem, mas aquele que vivia do trabalho nômade. Fruto desse meio e de seu trabalho, vivendo na abundância, o gaúcho possuía características extraordinárias: bravura, heroísmo, mas também hospitalidade, alegria, galhardia. Essa era a figura do gaúcho de outrora e que habitava ainda os recônditos do Estado, no semblante do tropeiro, que tinha em mente Barbosa Lessa quando engaja-se no nascente movimento tradicionalista. Sim, ainda vivia o centauro!

Junto à carreira jornalística, Lessa construía o movimento tradicionalista. Em 1947, quando tomou conhecimento da ronda promovida por seus colegas do Julinho, tratou de aproximar-se e acabou por integrar o grupo. Assim, eles formaram o Departamento de Tradições Gaúchas do colégio Júlio de Castilhos, que se tornaria o molde para a fundação, em 24 de fevereiro do ano seguinte, do “35” CTG. Entre as atividades do grupo estavam os chimarrões festivos, onde os estudantes declamavam poesias. A experiência como jornalista foi utilizada também a serviço do movimento tanto externamente, divulgando o gauchismo em seus diferentes aspectos, quanto internamente, na redação de reportagens e textos para os tradicionalistas. No ano de 1950, foi publicado o primeiro jornal do 35 CTG, tendo à sua frente Lessa como diretor, Paixão Côrtes como assistente, Enio Souza como redator-chefe e Victor Cravo Teixeira como gerente. O texto de apresentação traçava os objetivos da entidade: “A finalidade do ‘35’, sob o aspecto cultural, é o estudo do folclore e da história do Rio Grande do Sul, e a divulgação através da palavra falada ou escrita, da música, da dança, das artes plásticas, ou da prática campeira”.¹⁹

¹⁸ Ibidem, p. 30.

¹⁹ O 35. Boletim Mensal do “35” Centro de Tradições Gaúchas. Ano I – Setembro de 1950.

O 35 se constituía então como uma entidade cultural que promoveria todas as manifestações artísticas consideradas gaúchas, seja do passado, seja a nova produção tradicionalista. O texto segue explicando porque o nome: “O nome ‘35’ se origina da Revolução Farroupilha, são as virtudes legendárias dos gaúchos da geração de 1835 que hão de nortear os nossos passos”.²⁰ É o resgate de um passado heróico que, mais uma vez, baliza e legitima os rumos do grupo. O texto termina demonstrando o caráter de movimento que transcendia à entidade e com ele o intuito de construir algo maior que ela: “O ‘35 não é apenas uma agremiação cultural; mais do que isto, é um ‘movimento cultural’, cujas conseqüências não podemos aquilatar hoje: é o futuro que no-los dirá”.²¹

Em 1948, o Governo do Uruguai havia enviado um convite para a participação do 35 no “Dia de la Tradición”, comemorado todos os anos. O governo do Estado enviou uma comitiva, contando com a participação de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes para participar dos desfiles e festejos de Montevideú. Lá eles conheceram as “danzas gauchas” do Uruguai e da Argentina. Quando voltaram a Porto Alegre, buscaram livros que ensinassem as danças do Rio Grande do Sul. Diante da inexistência desses tratados, começam em 1950 uma pesquisa sobre o folclore no interior do Estado que iria se estender até o ano de 1952. Barbosa Lessa e Paixão Côrtes viajavam nos finais de semana e feriados para diversas localidades, onde entrevistavam músicos e informantes idosos, buscando elementos de melodias e coreografias para a recriação de danças gaúchas. Dona Alda, mãe de Barbosa Lessa, colaborou com a elaboração de partituras e Isolde Brans, com ilustrações das danças na composição do livro que seria lançado em 1956 como “Manual de Danças Gaúchas”, publicada pela editora Irmãos Vitale, de São Paulo, junto com o LP “Danças Gaúchas”, gravado pela cantora popular Inezita Barroso.²²

Por conta da edição do livro e da gravação do LP, Lessa mudou-se para São Paulo, onde encontrou emprego como consultor de costumes para a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, que preparava as filmagens de “Ana Terra”, baseado na obra de Erico Verissimo. Por conta disso, voltou para o Rio Grande com a equipe em busca de locações para as filmagens, mas, no regresso a São Paulo, foi surpreendido pela decisão da companhia de suspender o filme por problemas financeiros, que desembocariam no seu fechamento em

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² AUTORES gaúchos: Barbosa Lessa. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/CORAG, 2000, p. 50-52.

1954. Lessa conheceu em São Paulo a televisão e buscou emprego na rede Record, onde produziu e dirigiu a novela infanto-juvenil “As Aventuras de Zequinha”, o musical “Pau-de-arara” e, após trabalhos sobre a cultura nordestina, ofereceu um programa à emissora para divulgar o sul, quando formou um grupo de danças e montou o programa “Feira de Sorocaba”. Foi na Record que Lessa conheceu a cantora Inezita Barroso e lhe mostrou as letras e músicas das danças gaúchas culminando no convite para a gravação do disco.²³ Em São Paulo também, ele entrou em contato com o teatro e escreveu a peça “Não te assusta Zacaria”, encenada no Rio Grande do Sul em 1957 e em São Paulo no ano seguinte.

É impossível não creditar a virada na vida profissional de Lessa ao seu engajamento tradicionalista. Foi para articular a publicação do Manual de Danças Gaúchas e a gravação do LP com suas músicas que nosso personagem se aventurou para São Paulo, capital econômica e cultural do país. Sua carreira como jornalista aqui no Estado já havia sido condicionada pela sua militância, como vimos. Lessa escrevera textos sobre o gaúcho, a pampa, seus tipos sociais, seus costumes, e suas tradições. Tudo isso de acordo com sua concepção sobre os temas e porque não dizer, a visão do grupo sobre eles, configurando imagens e representações que foram referências para o movimento e base da elaboração da nova ritualística tradicionalista encenada no 35 e nos novos centros de tradições paulatinamente fundados no Estado.

Mas antes de viajar para São Paulo, Barbosa Lessa havia participado do I Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul, em julho de 1954, realizado na cidade de Santa Maria. O evento congregou adeptos do movimento e os diversos CTGs já fundados tendo como o modelo o “35”. Nele, nosso personagem defendeu o referido texto de fundamentação sociológica que caracterizava o movimento, “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo”. Segundo o autor, havia no estado e no país uma realidade de desintegração social devido ao enfraquecimento das culturas regionais e o desaparecimento gradativo dos “grupos locais” como comunidades transmissoras de cultura. Assim, caberia aos CTGs cumprir o papel dessas comunidades em extinção. Caracterizando o tradicionalismo como um movimento cultural e político, ou seja, fundamentado no presente, como “experiência”, Lessa predica a ele um caráter de intervenção social, voltado para o futuro. O autor constrói uma definição do termo “tradicionalismo” como um “movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal

²³ Ibidem, p. 53.

finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura: graças ao que a sociedade adquire maior tranqüilidade na vida comum”.²⁴ Tal função se traduziria na assistência ao homem do campo, política a ser seguida por todo o país.

O Boletim de 1950 do 35 CTG o qualificava também como um movimento político e, nesse sentido, seu objetivo era fomentar o senso de nacionalidade. Não há no movimento a reivindicação de soberania política ao Rio Grande do Sul como estado nacional separado, pois não é o gaúcho um tipo nacional à parte do brasileiro. Frente ao choque cultural do pós-guerra, das transformações sociais e econômicas, é à nacionalidade “pura”, ainda não atingida pelo contato com outros hábitos, costumes e formas de viver e pensar, que se referem. Essa noção de “nação” é ancorado principalmente na visão do grupo acerca do passado; um passado, como vimos, idealizado. É no passado de abundância que gerou uma classe de gaúchos heróicos e extraordinários, bravos mas zombeteiros, fortes mas alegres, que o grupo busca uma resposta para os tempos de incertezas que os inquietavam. Respostas culturais frente ao sentimento de perda de identidade, mas também respostas sociais, políticas e econômicas frente à pobreza material gerada pelo progresso. Uma resposta conservadora, porque buscava o respaldo na tradição, à pobreza moral mas também à pobreza material da nova sociedade: “traçar as linhas do futuro através das lições do passado”.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, pp. 183-191

FAGUNDES, Antonio Augusto. *Curso de Tradicionalismo Gaúcho*. 2ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1995.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In.: HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 09-23.

²⁴ LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo*. Santa Maria, 1954. Disponível na internet: www.paginadogaicho.com.br.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, pp. 167-182.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In.: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

NEDEL, Leticia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul*. Brasília, 2005. Tese (doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2005.